

USO DE CANNABINÓIDES NO TRATAMENTO DOS SINTOMAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

MARINA SILVEIRA VILLELA¹; LUIZA JORGE RODRIGUES²; LETÍCIA LEIVAS
VIEIRA³; CAMILA PERELLÓ FERRÚA⁴

¹Universidade Católica de Pelotas – marina.villela@sou.ucpel.com.br

²Universidade Católica de Pelotas - luiza.jorge@sou.ucpel.com.br

³Universidade Católica de Pelotas - leticia.vieira@sou.ucpel.com.br

⁴Universidade Católica de Pelotas - camila.ferrua@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O autismo, conhecido como transtorno do espectro autista (TEA), é uma condição neuropsiquiátrica que acompanha uma pessoa de forma permanente (FREITAS et al., 2017). De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), as pessoas com esse diagnóstico apresentam déficits sociais relacionados à linguagem e socioemocionais, assim como diferentes padrões comportamentais (PINHEIRO et al., 2022). Portadores desse espectro e familiares relatam a dificuldade para tratamento e diagnóstico precoce pela escassez de profissionais especializados no tema (JAMES et al., 2020).

Com o intuito de desenvolver habilidades sociais e de autocuidado com o TEA, visando melhorar condições de vida ao paciente e seu núcleo familiar, uma série de terapias têm sido propostas (BARANEK et al., 2018). Essas são associadas ao uso de medicamentos. Contudo, seus efeitos colaterais podem afetar a qualidade de vida do paciente, uma vez que podem acarretar sensação de fadiga, náusea, hipotensão, sedação, entre outros (COSTA et al., 2021).

Dessa forma, tem-se investido em terapias que provocam menos efeitos adversos, como os canabinóides. Esses são substâncias naturais derivados da planta *Cannabis sativa*, que possui como principais compostos ativos o delta-9-tetrahydrocannabinol e o canabinol (CBD) (GROSSO et al., 2020). Os poucos estudos acerca do uso desses compostos como terapia medicamentosa demonstram resultados satisfatórios ao tratamento de diferentes patologias (MAMEDE et al., 2021).

No que cabe ao TEAs, tem-se procurado usar o CBD baseado na premissa de que o óleo medicinal atua positivamente no comportamento agressivo e na baixa interação social desses indivíduos (CORREA et al., 2022). Entretanto, existe um estigma sobre o uso medicinal terapêutico da cannabis pois era utilizada como psicoativo alucinógeno há muito tempo (GROSSO et al., 2020). Sendo assim, o objetivo deste trabalho consiste em elucidar, por meio de uma revisão de literatura, o potencial uso terapêutico dos canabinóides no tratamento dos sintomas do TEA, a fim de romper com os estigmas envolvendo o mesmo.

2. METODOLOGIA

Essa é uma revisão de literatura narrativa, com dados coletados por meio de fontes secundárias, através de uma busca eletrônica nos bancos de dados Pubmed, Scielo e Lilacs. Foram selecionados estudos originais, experimentais em humanos e animais e revisões da literatura sobre o potencial uso terapêutico dos canabinóides no TEAs.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O TEA é um transtorno que afeta, principalmente, indivíduos do sexo masculino, e seus quadros são classificados quanto a sua gravidade (FREITAS et al., 2017) incluindo transtornos de neurodesenvolvimento desde o nascimento ou da primeira infância (HOFZMANN et al., 2019). Diversas comorbidades têm sido associadas ao espectro, como epilepsia, transtornos psíquicos e síndromes genéticas, o que piora a qualidade de vida do portador (FREITAS et al., 2017).

Nas últimas décadas, a incidência de casos de autismo tem crescido de maneira significativa em todo o mundo (LAWALL et al., 2022). Estima-se que na faixa etária de crianças pré-escolares (0 a 4 anos), cerca de 115 mil, de um total de cerca de 16 milhões, possam ser diagnosticadas com TEA (ROCHA et al., 2019).

Tendo em vista a alta incidência de TEA no Brasil, é necessário aprofundar-se nas medidas de tratamento do TEA (MONTENEGRO et al., 2019). Sabe-se que hoje essa é uma questão desafiadora e multidisciplinar, visto que as bases do tratamento vão desde mudanças de comportamento, programas educacionais e de trabalho, terapias de linguagem e a farmacoterapia (GADIA et al., 2004). Ações que, em conjunto, contribuem para a melhora da capacidade adaptativa do portador de TEA, mas que não melhoram de maneira significativa a qualidade de vida em casos de maior gravidade (LAWALL et al., 2022).

Em relação à farmacoterapia, não existe uma padronização de medicamentos que trate por inteiro os sintomas do TEA (NIKILOO et al., 2006). No Brasil, a risperidona e a periciazina são os únicos medicamentos aprovados pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária para o controle desses sintomas (ROCHA et al., 2019). Dessa forma, o desafio terapêutico consiste em alcançar resultados efetivos sobre essa condição neuropsiquiátrica, a fim de potencializar a efetividade da melhora de qualidade de vida desses pacientes. Logo, é necessário considerar o tratamento do espectro com uso de canabinóides devido a seu potencial uso terapêutico.

Atualmente, no Brasil, a legalização do canabinóide tem sido pauta de discussões devido a fatores políticos, culturais e socioeconômicos, apesar de seu princípio medicinal ter a capacidade de contribuir no tratamento do TEA. (CASTRO et al., 2021). A cannabis sativa apresenta diversos derivados químicos, incluindo o canabinóide intoxicante (THC) e não intoxicante (CBD) (CORREA et al., 2022). É importante ressaltar que para a produção do CBD, o THC é eliminado e, portanto, o uso medicinal da cannabis não apresenta efeitos psicoativos tal qual o fumo do cigarro de maconha, uma vez que o CBD não ativa os mesmo receptores canabinóides do THC (COUTO et al., 2021).

Nesse íterim, a literatura sugere que o CBD atua na regulação das funções como desenvolvimento neural, ritmo circadiano e sintomas ansiosos (MINELLA et al., 2021). Portanto, o uso do CBD para tratamento do TEA se justifica no fato de possuir estado neuronal basal de hiperexcitabilidade e relatar menor frequência de ansiedade, depressão e melhora no humor em pacientes que fizeram seu uso medicamentoso. Cerca de 40% das pessoas apresentaram melhora significativa no âmbito social após uso da Cannabis (CASTRO et al., 2021). Ao encontro dos achados supramencionados, foi analisado, em uma amostra com 60 crianças autistas de 5 a 12 anos, a eficácia, segurança e tolerabilidade do produto à base de Cannabis. Tal ensaio clínico obteve resultados significativos em pacientes com

autismo de grau leve, uma vez que houve melhorias na interação social, ansiedade, agitação psicomotora, número de refeições por dia e concentração (SILVA et al., 2020). Dessa forma, diante dos aspectos supracitados, nota-se que a liberação dos produtos à base de Cannabis para fins medicinais no Brasil e em outros países é extremamente relevante. Para quebra de estigmas e facilitação do acesso, o papel da informação é absoluto e se constitui na principal ferramenta argumentativa. Assim, esse pode ser considerado o primeiro passo para a ampliação dos usos da Cannabis.

4. CONCLUSÕES

Conclui-se que o uso da Cannabis quanto a seu potencial terapêutico faz-se efetivo para melhora na qualidade de vida dos pacientes com TEA e de seus familiares. Contudo, nota-se a necessidade de explorar mais essa terapia, principalmente por meio de ensaios clínicos, visando compreender melhor o papel da Cannabis nos mecanismos fisiopatológicos do transtorno e, posteriormente, flexibilizar o uso desta para tratamento mediante prescrição médica.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAN A et al. Breve Relatório: **Cannabis Rica em Canabidiol em Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo e Problemas Comportamentais Graves - Um Estudo de Viabilidade Retrospectiva**. Jornal de autismo e transtornos do desenvolvimento, 2019; 49 (3): 1284–1288.
- BARANEK GT et al. **Efeitos em cascata do desengajamento da atenção e da busca sensorial sobre sintomas sociais em uma amostra comunitária de bebês em risco para um diagnóstico futuro do transtorno do espectro autista**. Neurociência cognitiva de desenvolvimento, 2018; 29: 30-40.
- CORREA ARL et al. **Uso de cannabis como tratamento alternativo do transtorno do espectro autista**. Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, 2022; 5.
- COSTA GON, ABREU CRC. **Os benefícios do uso de psicofármacos no tratamento de indivíduos com transtorno do espectro autista (TEA): revisão bibliográfica**. Revista JRG de Estudos Acadêmicos, 2021; 4 (8).
- CASTRO ACS, ALBINO GRA, LIMA, RN. **O uso da Cannabis no transtorno do espectro autista**. Rev Bras Interdiscip Saúde, 2021; 3 (4): 37-41.
- COUTO, JC et al. **A utilização e os benefícios farmacológicos do canabidiol em crianças com transtorno do espectro autista. 2021**. Trabalho de Conclusão de Curso (Técnico em Farmácia) - Etec de Araçatuba, Araçatuba, 2021; 12p.
- FREITAS AM, BRUNONI D, MUSSOLINI JL. **Transtorno do espectro autista: estudo de uma série de casos com alterações genéticas**. Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvol., 2017; 17 (2): 101-110.

GROSSO AF. **Cannabis: de planta condenada pelo preconceito a uma das grandes opções terapêuticas do século.** J. Hum. Growth Dev., 2020; 30 (1): 94-97.

HOFZMANN, RR et al. **Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA).** Enferm. Foco 2019; 10 (2): 64-69.

JAMES SN, SMITH CJ. **Diagnóstico precoce do autismo no Ambiente da Atenção Básica.** SEMINÁRIO EM NEUROLOGIA PEDIÁTRICA, 2020; 35.

LAWALL ATS, RIBEIRO ACP. **Do sintoma ao diagnóstico: evolução das caracterizações nosográficas do autismo do século XX ao XXI.** Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, 2022; 4 (7): 260-282.

MAMEDE BBO, FERNANDES ACD, BARROS KF. **Legalização do Canabidiol para fins terapêuticos no Brasil.** e-RAC, 2021: 10 (1).

MINELLA FCO, LINARTEVICH VF. **Efeitos do canabidiol nos sinais e comorbidades do transtorno do espectro autista.** Research, Society and Development, 2021; 10 (10).

MONTENEGRO KS et al. **Avaliação do conhecimento de residentes e acadêmicos de fisioterapia e terapia ocupacional sobre detecção precoce do autismo.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, 2019; 36: e1993.

PINHEIRO CC, SILVA LP, OLIVEIRA WLG. **A influência do transtorno espectro autista no desenvolvimento infantil e seus impactos na interação social da criança.** Ciências Da Saúde, 2022; 1 (3).

ROCHA CC et al. **O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil.** Physis, 2019; 29 (4).

ROSSI GN. **Avaliações de possíveis interações entre o canabidiol e a ayahuasca em vários voluntários saudáveis: um estudo randomizado, duplo-cego e controlado com placebo.** Tese de Mestrado (Pós-Graduação em Saúde mental) – Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2020, 185p.

SCHLEIDER, LBL et al. **Experiência da vida real do tratamento da cannabis medicinal no autismo: Análise da Segurança e Eficácia.** Science Report, 2019; 9 (1).

SILVA JÚNIOR, EA. **Avaliação da eficácia e segurança do extrato de cannabis rico em canabidiol em crianças com o transtorno do espectro autista: “Ensaio clínico randomizado, duplo-cego e placebo controlado”.** Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Neurociência Cognitiva e Comportamento) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020.